

A Filosofia como Luta pelo Futuro: Três Perspectivas para Lidar com a Crise Climática

Marcos MESSERSCHMIDT¹

No Ocidente, o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo – o que precisa ser demonstrado não só com base no calvinismo, mas também com base em todas as demais tendências cristãs ortodoxas –, de tal forma que, no final das contas, sua história é essencialmente a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo.
(Walter Benjamin)

Resumo

A humanidade está diante de uma catástrofe global sem precedentes. É consenso entre os cientistas que o aumento da temperatura média do planeta provocado pela ação humana, comprovadamente iniciado no período da Revolução Industrial, acelerou-se e intensificou-se nos últimos anos do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI. Este aumento é decorrente, dentre outros fatores, do uso indiscriminado de combustíveis fósseis (tais como o petróleo e o carvão), de uma política alimentar desastrosa, baseada no uso extensivo e predatório das terras agriculturáveis, além do desmatamento crescente das florestas tropicais, principalmente da região amazônica. As possíveis consequências deste processo (que se aproxima já de um ponto considerado irreversível) são motivo de alarme entre a comunidade científica e o movimento ambientalista de todas as partes do mundo. Diante do atual estado de coisas, articulam-se múltiplas respostas políticas e filosóficas, provenientes de uma ampla gama do espectro ideológico. Nosso interesse no presente trabalho é delimitar três destas perspectivas, duas delas de caráter antissistêmico, além de esboçar um possível encadeamento entre elas. Estas perspectivas são a “ecologia integral” desenvolvida e apresentada pelo Papa Francisco na encíclica “Laudato Si”, a filosofia do “bem viver” e dos “direitos da natureza”, exposta pelo equatoriano Alberto Acosta e, finalmente, o ecossocialismo, cujo programa é descrito no “Manifesto Ecossocialista Internacional” e numa série de artigos compilados na obra “O que é o ecossocialismo?”, de autoria do sociólogo brasileiro Michael Löwy.

Palavras-Chave: mudança climática, ecologia integral, bem viver, ecossocialismo

¹ Bacharel, Mestre e Doutorando em Filosofia (PUCRS). Especializando em Ensino de Filosofia (UFPEL). Email: marcoslmesser@gmail.com

Considerações iniciais

A humanidade segue a viver sob a tempestade chamada progresso descrita por Walter Benjamin em sua tese IX² *Sobre o conceito de História*. O “anjo da história” segue a nos encarar do futuro. Desde a morte de Benjamin, ocorrida em 1940, esta tempestade tornou-se cada vez mais intensa e as pilhas de destroços contempladas pelo anjo nunca pararam de crescer. Além das guerras e da pobreza crescente, as consequências deste progresso essencialmente inexorável (Tese XIII³), promovido pela fé cega no desenvolvimento irrefreado da técnica e pela infindável sede de lucro endossada pela ideologia capitalista, colocam toda a vida do planeta em risco. O chamado “capitalismo verde”, que adota o discurso do “desenvolvimento sustentável”, por conta de seu caráter meramente reformista, não nos parece uma alternativa viável para a interrupção de tal processo destrutivo. O meio de evitar a catástrofe não está, segundo nosso ponto de vista, em uma mera redução de danos gestada no seio do sistema capitalista.

Ao seguirmos o pensamento benjaminiano, a alternativa que se apresenta é a de explodir o *continuum* da história (Tese XV⁴), a fim de interromper, desse modo, o ciclo de destruição promovido pela ideologia do crescimento ilimi-

² “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Nele está desenhado um anjo que parece estar na iminência de se afastar de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, seu queixo caído e suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu semblante está voltado para o passado. Onde *nós* vemos uma cadeia de acontecimentos, *ele* vê uma catástrofe única, que ele acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as arremessa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É a *essa tempestade* que chamamos progresso.” (BENJAMIN, 2012, p. 245-246)

³ “A teoria e, mais ainda, a prática da social-democracia foram determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade. Segundo os social-democratas, o progresso era, em primeiro lugar um progresso da humanidade em si (e não apenas das suas capacidades e conhecimentos). Em segundo lugar, era um processo sem limites (correspondente a uma perfectibilidade infinita da humanidade). Em terceiro lugar, era visto como um processo essencialmente inexorável (percorrendo autonomamente uma trajetória em flecha ou em espiral). Cada um desses predicados é controverso e cada um deles poderia ser criticado. Mas, para ser rigorosa, a crítica precisa ir além e concentrar-se em algo que lhes seja comum. A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de seu andamento no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia desse andamento deve estar na base da crítica da ideia do progresso em geral.” (BENJAMIN, 2012, p. 248-249)

⁴ “A consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria às classes revolucionárias no momento de sua ação.” (BENJAMIN, 2012, p. 250)

tado. No fragmento *Aviso de incêndio*, Walter Benjamin preconiza: “É preciso cortar o rastilho antes que a centelha chegue à dinamite.”⁵ (BENJAMIN, 2013, p. 42). Mas como fazer parar esta marcha, que parece já inelutável?

Em busca de uma resposta, aqui apresentaremos, de maneira breve, três perspectivas, entre as muitas existentes, para lidar com a crise climática e suas consequências potencialmente catastróficas. A primeira delas, a perspectiva católica, é a “ecologia integral” proposta pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si’*. As outras duas, de caráter antissistêmico⁶, são, respectivamente, a filosofia do “Bem Viver”, apresentada pelo equatoriano Alberto Acosta, e o pensamento ecossocialista, aqui representado pelo marxista franco-brasileiro Michael Löwy.

A “Laudato Si” e a “ecologia integral”

A celebração do Dia de Pentecostes de 24 de maio de 2015 marca o surgimento da encíclica *Laudato Si’ - sob o cuidado casa comum*, de autoria de Jorge Mario Bergoglio, vulgo Papa Francisco. A carta, já um marco na história recente da Igreja Católica, passa por diversas temáticas, de teológicas a sociais, de filosóficas a econômicas. Dado o escopo aqui pretendido, dirigimos nosso olhar à segunda parte do texto, que contempla os eixos da chamada “ecologia integral”, das linhas de orientação e ação, além da educação e espiritualidade ecológicas, os quais parecem se articular, de modo significativo, com as perspectivas do “Bem Viver” e do ecossocialismo, a serem abordadas na sequência deste trabalho.

⁵ Uma imagem análoga surge nas teses *Sobre o conceito de História*: para Benjamin, as revoluções são a atitude através da qual a humanidade *puxa o freio de emergência*. Segundo Michael Löwy, essa imagem “sugere que se a humanidade permitir que o trem [da História] siga seu caminho – já traçado pela estrutura de aço dos trilhos – e se nada detiver sua progressão, nós nos precipitaremos diretamente em direção ao desastre ou ao abismo.” (LÖWY, 2019, p. 145)

⁶ “O conceito de ‘movimentos antissistêmicos’ foi cunhado por Immanuel Wallerstein nos anos setenta do século XX, para tratar de englobar em um só termo as duas famílias principais dos movimentos sociais, que se desenvolveram e se afirmaram durante o século XIX, e que são, de um lado, todos os movimentos sociais e socialistas surgidos nos países centrais e semiperiféricos do sistema-mundo, e de outro, o conjunto de movimentos nacionalistas, anticolonialistas e de liberação nacional desenvolvidos na grande maioria das nações da vasta periferia desse mesmo sistema-mundo capitalista.” (ROJAS, 2013)

A carta, dividida em seis eixos, toma como título o verso de uma oração de autoria daquele que é considerado pelos católicos o santo protetor da natureza e dos animais, o italiano Francisco de Assis: “*Laudato SI’ mi’ signore* - Louvado sejas, meu senhor”. Tal escolha, por óbvio, não é gratuita. O fundador da milenar Ordem Franciscana é associado, também pela cultura popular, àquele que toma a Natureza por sua mãe e todos os outros seres, especialmente os animais, como seus irmãos. E é desta postura de radical integração do homem com o mundo natural que parte a ideia de “ecologia integral” prescrita pelo sumo pontífice em sua encíclica.

O texto papal buscar reafirmar a opção católica pelos mais pobres e articula uma crítica substancial à sociedade de consumo. Segundo Francisco, embora não chegue a nomeá-lo⁷, “o atual sistema mundial é insustentável a partir de vários pontos de vista” (FRANCISCO, 2015, p. 41). Ao conferir uma dignidade especial ao ser humano, a encíclica prescreve a necessidade de considerar “os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas.” (FRANCISCO, 2015, p. 31).

A “ecologia integral” é articulada a partir da constatação de que “há apenas uma única e complexa crise socioambiental” (FRANCISCO, 2015, p. 86). Urge a tomada de consciência de que a natureza não é algo separado de nós, de que, do mesmo modo como a afetamos com nosso estilo de vida, ela também nos afeta, em resposta ao nosso modelo de desenvolvimento. Ou busca-se uma relação de equilíbrio com o meio ambiente, ou deveremos aceitar nossa extinção como destino irremediável.

A mudança para um novo estilo de vida integrado à natureza, avesso à cultura do consumo e do descarte, é crucial não apenas para a sobrevivência

⁷ Por algum motivo, a ser investigado em pesquisa futura, o papa Francisco não chama o *atual sistema mundial* por seu verdadeiro nome, ou seja, “capitalismo”.

de nossa geração, mas também para as daqueles que vêm depois de nós, seja num futuro próximo ou remoto. Faz-se imperativo que assumamos imediatamente esta responsabilidade, pois o

[...] ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como, aliás, já está acontecendo periodicamente em várias regiões. A atenuação dos efeitos do desequilíbrio atual depende do que fizermos agora, sobretudo se pensarmos na responsabilidade que nos atribuirão aqueles que deverão suportar as piores consequências. (FRANCISCO, 2015, p. 97)

O Bem Viver e os Direitos da Natureza

Em breve resenha⁸ da obra *Bartholomé de Las Casas: “Père des Indiens”*, de Marcel Brion, Walter Benjamin sentencia: “A história colonialista dos povos europeus começa com o processo pavoroso da conquista que transforma todo o novo mundo conquistado numa câmara de tortura.” (BENJAMIN, 2013, p. 171). Do lado de cá do Oceano Atlântico, quase cem anos depois, escreve Ailton Krenak: “A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível.” (KRENAK, 2019, p. 11). É deste choque, do qual resultaram cicatrizes duradouras, que floresce a filosofia do Bem Viver, cujas raízes remontam a uma ancestralidade ainda mais profunda. Por ser “essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza” (ACOSTA, 2016, p. 32), suas bases já estavam assentadas entre os povos originários americanos muito antes da chegada dos colonizadores.

Segundo Alberto Acosta a “tarefa descolonizadora” (ACOSTA, 2016, p. 80) do Bem Viver não pode ser efetivada dentro do capitalismo. Ela exige a sua superação. Como lógica contra-hegemônica, o “Bem Viver não se sustenta na éti-

⁸ A resenha em questão foi publicada no jornal *Die literarische Welt*, em 1929.

ca do progresso material ilimitado, entendido como acumulação permanente de bens, e que nos convoca permanentemente a uma competição entre seres humanos com a conseqüente devastação ambiental” (ACOSTA, 2016, p. 91).

O Bem Viver surge como força política a partir de mobilizações e rebeliões populares articuladas, principalmente, por nações indígenas andinas e amazônicas. Potência contestadora essencialmente anticapitalista, chega a materializar-se, com pequenas diferenças, em artigos das constituições federais da Bolívia e do Equador, que passam a reconhecer o meio ambiente como possuidor de “valor intrínseco, ontológico, mesmo quando não tem qualquer utilidade para os humanos” (ACOSTA, 2016, p. 36).

No entanto, como proposta global, o Bem Viver não se deixa cristalizar na posituação legal e segue como movimento em construção e postura crítica ao discurso do desenvolvimento, que “com suas raízes coloniais, justifica visões excludentes” (ACOSTA, 2016, p. 42). Para demarcar sua posição contestatória, a filosofia do Bem Viver requer, de acordo com Alberto Acosta, um “discurso contra-hegemônico que subverta o discurso dominante e suas correspondentes práticas de dominação.” (ACOSTA, 2016, p. 42).

A almejada superação do “divórcio entre a Natureza e ser humano” (ACOSTA, 2016, p. 36) dar-se-á, segundo Acosta, através da produção de um modo de vida comunitário e em harmonia com a Natureza. O Bem Viver reafirma, também, a imprescindibilidade de “construir modos de vida que não sejam regidos pelo capital” (ACOSTA, 2016, p. 36), no compromisso de “viver bem aqui e agora, sem colocar em risco a vida das próximas gerações” (ACOSTA, 2016, p. 92).

Ecossocialismo ou barbárie

O *Manifesto Ecossocialista internacional*, lançado em 2001 a partir da iniciativa dos intelectuais marxistas Michael Löwy e Joel Kovel, e subscrito por

diversos ativistas e cientistas dos continentes americano e europeu, denuncia o fato de “as crises ecológicas e o colapso social estão profundamente relacionados e deveriam ser vistos como manifestações das mesmas forças estruturais” (LÖWY, 2014, p. 103), além de propor-se a “enxergar o capital a partir daquilo que ele realmente fez” (LÖWY, 2014, p. 104), rejeitando “tantos os objetivos reformistas da social-democracia quanto as estruturas produtivistas das variações burocráticas do socialismo” (LÖWY, 2014, p. 107), como, por exemplo, o socialismo soviético.

Para Michael Löwy, a questão ecológica é “o grande desafio para uma renovação do pensamento marxista do século XXI”, exigindo dos marxistas uma “ruptura radical com a ideologia do progresso linear e com o paradigma tecnológico e econômico da civilização industrial moderna”, sendo o principal desafio “reorientar o progresso de maneira a torná-lo compatível com a preservação do equilíbrio ecológico do planeta” (LÖWY, 2014, p. 37). O ecossocialismo é, segundo Löwy, uma ética que propõe uma “mudança radical de paradigma, um novo modelo de civilização [...], uma transformação revolucionária” (LÖWY, 2014, p. 68).

Há, no entanto, outra questão urgente do ecossocialismo: faz-se necessária uma transição para um “modo de vida alternativo, uma verdadeira civilização ecossocialista para além do império do dinheiro com seus hábitos de consumo artificialmente induzidos pela publicidade e sua produção ilimitada de bens inúteis e/ou prejudiciais ao ambiente” (LÖWY, 2014, p. 88).

A crítica ecossocialista ao capitalismo (e sua excrescência “verde”), como destacado no trecho acima, vai além da questão meramente ambiental. Ela atinge o cerne do sistema capitalista, ultrapassando o discurso da sustentabilidade ambiental promovido pelo ecocapitalismo, cujo centro é hoje a discussão acerca da redução da emissão de gases do efeito estufa e a taxação dessas emissões. Para os ecossocialistas, o atual modo de produção e consumo “deve ser

transformado, somado à supressão das relações de produção capitalistas e ao começo de uma transição para o socialismo” (LÖWY, 2014, p. 51).

Considerações finais

As três visões sobre a relação do ser humano com a Natureza aqui consideradas possuem, como pudemos observar, alguns importantes traços em comum: a crítica à sociedade de consumo, a correlação entre crise social e ecológica e um chamado à necessidade de mudança de estilo de vida como forma de diminuir a degradação ambiental. Há, no entanto, outro elemento em comum que se destaca e acaba por aproximar estas três perspectivas do pensamento de Walter Benjamin – a desconfiança em relação ao progresso e ao avanço ilimitado da técnica⁹.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco questiona, por exemplo, a ideia mesma de progresso. Segundo ele, “Não é suficiente conciliar, a meio-termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Neste campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso” (FRANCISCO, 2015, p. 114). Faz-se necessária uma redefinição do progresso, já que um “desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não pode ser considerado progresso” (FRANCISCO, 2015, p. 114). Ao aprofundar esta crítica, Francisco chega a questionar o discurso do crescimento sustentável, o qual acaba por absorver os valores do discurso ecológico “dentro da lógica da finança e

⁹ “Massas humanas, gases, energias elétricas foram lançados em campo aberto, correntes de alta frequência atravessaram as paisagens, novos astros apareceram no céu, o espaço aéreo e as profundezas dos mares resoavam de hélicas, e por toda parte se escavavam fossas sacrificiais na terra-mãe. Esse grande assédio feito ao cosmos consumou-se pela primeira vez à escala planetária, isto é, no espírito da técnica. Mas como a avidez de lucro da classe dominante pensava satisfazer a sua vontade à custa dela, a técnica traiu a humanidade e transformou o tálamo nupcial num mar de sangue. A dominação da natureza, dizem os imperialistas, é a finalidade de toda técnica. Mas quem confiaria num mestre da palmatória que declarasse como finalidade da educação, antes de mais nada, a indispensável ordenação das relações entre gerações, e, portanto, se quisermos falar de dominação, a dominação dessas relações geracionais, e não das crianças? Assim também a técnica não é dominação da natureza: é a dominação da relação entre a natureza e a humanidade. É certo que os homens, enquanto espécie, estão há dezenas de milhares de anos no fim da sua evolução; mas a humanidade, enquanto espécie, está no começo.” (BENJAMIN, 2013, p. 65)

da tecnocracia”, o que acaba por reduzir a responsabilidade social e ambiental das empresas, “na maior parte dos casos, a uma série de ações de publicidade e imagem” (FRANCISCO, 2015, p. 114).

Por sua vez, Alberto Acosta também faz referência ao que ele chama de “armadilha” do “desenvolvimento sustentável” ou “capitalismo verde”. De acordo com Acosta,

O mercantilismo ambiental, exacerbado há várias décadas, não contribuiu para melhorar a situação: tem sido apenas uma espécie de maquiagem desimportante e distrativa. *Também devemos estar atentos aos riscos de uma confiança desmedida na ciência, na técnica* [grifo nosso]. (ACOSTA, 2016, p. 94)

Finalmente, a crítica à ideologia do progresso e ao discurso do “desenvolvimento sustentável” é o próprio núcleo do ecossocialismo, que tem inspiração claramente benjaminiana, sustentada na figura de Michael Löwy.

O subtítulo de *O Bem Viver* é “uma oportunidade para imaginar outros mundos”. Ailton Krenak nos faz um convite semelhante, embora menos carregado de esperança, em seu *Ideias para adiar o fim do mundo*, imaginar o que nos espera e ao colocar em questão a fé no progresso infinito:

O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder. Parece que todos os artifícios que foram buscados pelos nossos ancestrais e por nós têm a ver com essa sensação. Quando se transfere isso para a mercadoria, para os objetos, se materializa no que a técnica se desenvolveu, no aparato que se foi sobrepondo ao corpo da mãe Terra. (KRENAK, 2019, p. 60)

As previsões acerca do futuro planeta, caso a humanidade siga nesse regime de exploração predatória dos recursos naturais, não são animadoras. No entanto, é necessário que, a exemplo de todos os que vieram antes de nós, não percamos a esperança, sob pena de nos deixarmos enterrar sob a pilha de es-

combros avistada pelo anjo da História desde o futuro. É preciso que arrisque-
mos imaginar um mundo depois do capitalismo, como nos convida Peter Frase,
em seu *Quatro futuros: a vida após o capitalismo*:

Suponhamos que seremos capazes de enfrentar o desafio imedia-
to a curto prazo e evitar mudanças climáticas catastróficas. Supo-
nhamos, além disso, que seremos capazes de transformar nossa
sociedade estratificada em classes em algo mais igualitário [...] Nós
continuaríamos lidando com as consequências ecológicas do
capitalismo, muitas das quais inevitáveis e que agora estão sela-
das; além disso, teremos de reconstruir tudo, desde nossas cida-
des até nossas redes de transporte e nossas redes elétricas, de
acordo com uma nova maneira de nos relacionarmos com os
ecossistemas. A fim de considerar que tipo de sistema social po-
deria assumir essa tarefa, vale a pena parar um momento para
caracterizar a relação entre seres humanos e a natureza em qual-
quer futuro mundo pós-capitalista. (FRASE, 2020, p. 114-115)

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mun-
dos. Tradução: Tadeu Breda. São Paulo : Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. Organização: Michael Löwy.
Tradução: Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo : Boitempo, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e
história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição. São Paulo : Brasi-
liense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão : Infância Berlinense : 1900**. Tradução: Jorge
Barrento. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre
o cuidado da casa comum**. São Paulo : Edições Loyola, 2015.

FRASE, Peter. **Quatro futuros**: a vida após o capitalismo. Tradução: Everton Lou-
renço. São Paulo : Autonomia Literária, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo : Companhia das
Letras, 2019.

LÖWY, Michael. **A revolução é o freio de emergência**: ensaios sobre Walter Benjamin. Tradução: Paolo Colosso. São Paulo : Autonomia Literária, 2019.

LÖWY, Michael. **O que é o ecossocialismo?**. 2ª edição. São Paulo : Cortez, 2014.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **O que são os movimentos antissistêmicos?**. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados, v. 7, n. 13, jul. 2013. ISSN 1981-2434. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2503>>. Acesso em: 30 set. 2020.